

**“PIRAR” SIM, MAS COM JESUS:
A LINGUAGEM COLOQUIAL DA IGREJA BOLA DE NEVE**

Giovani Carlos Santos (IC-UNIFRAN/CNPq)

Maria Flávia Figueiredo (UNIFRAN)

Introdução

Este trabalho, oriundo de um projeto de iniciação científica desenvolvido na universidade de Franca com bolsa de incentivo do CNPq, tem por objetivo descrever a linguagem utilizada pelo principal representante e também fundador da igreja Bola de Neve Church.

Como arcabouço teórico, lançamos mão de duas áreas da linguística que nos possibilitou vislumbrar o alcance persuasivo dessa pregação, quais sejam: a argumentação e a prosódia. A argumentação foi escolhida em função da própria constituição persuasiva do *corpus* – uma pregação religiosa direcionada ao convencimento de um público jovem. Já, a escolha da prosódia ocorreu devido ao fato do presente trabalho pertencer a um grupo de pesquisa que procura esclarecer a possível intersecção entre argumentação e prosódia na construção da persuasão em gêneros orais.

Os trabalhos, seguidos de seus respectivos autores, utilizados na análise foram: o artigo *Pregação religiosa: uma caracterização à luz da teoria dos gêneros* (FIGUEIREDO et al., 2009), que apresenta uma proposta de caracterização do gênero pregação religiosa; o artigo *A prosódia como instrumento de persuasão* (BOLLELA, 2006), que nos apresenta os elementos prosódicos e suas diferentes funções lingüísticas exercidas no discurso oral; e a obra *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção* (ABREU, 2001), que apresenta inúmeras técnicas argumentativas, recursos e figuras de construção.

Apesar da pregação analisada se equiparar a outras do mesmo gênero proferidas em diferentes igrejas brasileiras, o que a difere das demais é exatamente a linguagem informal (marcada por um vocabulário comum aos jovens e repleto de gírias) e a grande intimidade que o orador apresenta com seu público alvo. Em se tratando de processos argumentativos, sabemos que argumentar é, antes de tudo, integrar-se ao universo do outro, e, para que isso ocorra, é imprescindível que o orador apresente uma linguagem comum ao seu auditório, que é na sua maioria constituído por jovens.

Bola de Neve Church: a nova “cara” do Evangelho no Brasil

Escolhemos para *corpus* deste trabalho a pregação *Só Deus para me agüentar*, proferida pelo pastor Rinaldo de Seixas Pereira, da igreja Bola de Neve Church. Esta pode ser encontrada à venda nos formatos de CD ou DVD no site da igreja – www.boladenevechurch.com.br. O pastor Rinaldo – intitulado Apóstolo Rina – tem 37 anos, é graduado em propaganda e *marketing*, com pós-graduação em *marketing*, gosta de surfar, tem estilo despojado e um vocabulário informal carregado de gírias e idioletos de grupos sociais “praieiros”. A igreja Bola de Neve (que tem no lugar do púlpito, uma prancha de *surf*) tem hoje um público essencialmente formado por *surfistas* e *skatistas*, e na platéia se vê jovens de bonés, tatuagens e *piercings*.

A igreja nasceu entre 1999 e 2000 e ganhou esse caráter “surfista” pelo apóio de um empresário do setor que concedeu o primeiro espaço para que fossem realizados os cultos. Não tendo nem mesmo uma estrutura e faltando até o púlpito, usaram uma prancha para fazer as vezes, o que acabou se tornando símbolo para a igreja.

A Bola de Neve Church é hoje uma das igrejas que melhores exemplificam a nova cara do Evangelho no Brasil, fazendo jus ao seu nome que tem um sentido de

avalanche de crescimento. A igreja nasceu com o intuito de aproximar os jovens da religião e é hoje fenômeno no que diz respeito ao número de jovens que concentra. Para tanto, a igreja ressalta características como a ausência de dogmas, costumes e vestimentas especiais. O português coloquial é usado com o propósito de atingir a juventude ali presente e a Bíblia é apresentada com uma linguagem jovem, de uma informalidade atraente que gera identificação. Música e esportes, na Bola de Neve, são ferramentas de evangelização. O louvor a Deus é embalado por *reggae*, *rock* e *surf music*, fazendo com que o louvor às vezes se pareça com um show de rock.

Mesmo com todas essas características “informais” para os padrões evangélicos, a Bola de Neve Church permite o uso da camisinha, a frequência a festas e eventos sem bebidas e cigarro, é contra o homossexualismo e abomina o termo “ficar” entre jovens, já que remete à promiscuidade.

A palestra proferida pelo pastor atende a todas as perguntas/requisitos de caracterização do gênero oral religioso *pregação* (cf. FIGUEIREDO et al., 2009). Porém o seu diferencial está exatamente na forma que Rina prega os seus cultos. O pastor trabalha com uma linguagem informal e com grande intimidade com o seu público alvo. Dificilmente aborda a temática de um Deus impiedoso e mal e, na maioria das vezes, o assunto tratado é o da auto-ajuda. A esse respeito, a revista *Veja* (2006, p. 79) traz uma matéria dizendo que: “A nova geração de líderes evangélicos achou um caminho mais certo e útil de chegar ao coração dos fiéis: o da auto-ajuda”. A matéria na revista, intitulada *Como se forma um pregador*, ainda trata da questão da formação de um pastor que passa por aulas de noções de oratória e técnicas para apresentação em rádio e televisão, contribuindo para que eles modernizem seus discursos (cf. VEJA, 2006, p. 84-85).

Análise

O *corpus* analisado em questão se mostrou riquíssimo quanto à linguagem coloquial usada pelo orador para a construção de seu discurso. Constatamos que Rina, mesmo sendo pós-graduado, tendo um bom vocabulário e posição em que nos padrões seria uma de atitude austera, consegue articular o seu discurso de maneira despojada e, quando necessário, de maneira séria e formal. Para tanto, o pastor usa de vários recursos argumentativos, prosódicos e sociolinguísticos para manter um auditório atento,

interessado e fiel ao seu ministério. Um desses recursos é a interação com o auditório. Vejamos:

Rina. já cumprimentou a pessoa que tá do seu lado aí hoje?...sabe o nome dela já?... olha pra trás pra frente... quem é que tá do seu lado aí?... pergunta o nome dele o nome dela... agora olha bem nos olhos dessa pessoa e diz assim ((com a voz em tom natural))... você com essa cara de santinho
 Platéia. você com essa cara de santinho
 Rina. deve dar um trabalho pra Deus hein
 Platéia. deve dar um trabalho pra Deus hein ((gargalhadas da platéia))
 Rina. agora responde assim... agora responde... você tem razão
 Platéia. você tem razão
 Rina. tem horas que SÓ Deus pra me aguentar
 Platéia. tem horas que só Deus pra me aguentar
 (01' 44'')

Nesse trecho, o orador, de forma descontraída, faz uma prévia da sua tese de adesão inicial por meio de uma interação com o auditório, que, por sua vez, interage entre si. Antes da tese principal ser apresentada em uma argumentação, lança-se a tese de adesão inicial, que visa preparar o auditório para a tese principal (Cf. ABREU, 2001). A tese de adesão inicial sendo aceita, a probabilidade de a tese principal dar certo é quase que certa. No decorrer de sua palestra, Rina fala sobre as fraquezas do homem e a dificuldade de aceitar os erros dos outros. Para fundamentar sua tese principal, ele trabalha sua tese de adesão inicial focada diretamente no “eu” de cada um.

Rina também faz uso da interação quando que quer apresentar uma tematização mais séria. Essa interação, junto ao coloquialismo de seu discurso, apresenta uma “leveza” para o tema que seria apresentado a seguir:

Rina. diga pro seu vizinho ((com voz suave e baixa))... isso é doença
 Platéia. isso é doença
 Rina. porque essa é a única dívida que não pode ser paga
 Platéia. porque essa é a única dívida que não pode ser paga
 Rina. faz um carinho nele assim... pergunta assim pra ele... você está delirando? ((risos da platéia))
 Platéia. você está delirando?
 Rina. vê se ele está com febre... tira a... tira a temperatura... pergunta... você está delirando?
 Platéia. você está delirando?
 Rina. diz pro seu vizinho... NADA
 Platéia. nada
 Rina. NADA
 Platéia. nada
 Rina. do que você fiZER
 Platéia. do que você fizer
 Rina. vai compensar o seu pecado
 Platéia. vai compensar o seu pecado
 (34' 20'')

É muito comum encontrarmos digressões no discurso de Rina, e, são nesses momentos que percebemos claramente o quanto seu discurso é carregado de idioletos e gírias. Isso talvez se dê pelo fato de ser um discurso secundário e que funciona mais como idéias pessoais que apoiam sua tese principal:

quanto é que dá um dia de trabalho hoje?... quem que me ajuda?... um dia de traBALho... trabalho braÇAL... vinte e seis reais... quem é que falou isso?... é lá na sua área... porque lá na praia... com vinte e seis nego não quer nem cortar grama... vamos botar trinta vai...

(21' 00'')

O pastor também ilustra sua tese principal com recursos de presença. Os melhores recursos de presença são as histórias, e um argumento ilustrado por um recurso de presença tem um efeito redobrado sobre o auditório (cf. ABREU, 2001, p. 45-47). Assim como a digressão, as histórias usadas como recursos de presença têm por característica a informalidade, momento que é bem aproveitado por Rina para dar ao seu discurso a roupagem descontraída, que é característica importante na Igreja Bola de Neve.

Para defender a tese de que ninguém é igual, e que basta uma pessoa ser homem e a outra mulher e já haverá diferenças entre elas, Rina usa um recurso de presença entre mosquitos machos e fêmeas:

Outro dia... quatro mosquitos entraram em casa... e eu... e eu falei pra Denise... Denise... dois são homens... dois são MACHos... e duas são FÊmeas... e ela falou... por quê?... porque eu falei... porque está tendo o jogo da seleção... e os... e dois mosquitos rodearam a televisão... enquanto os outros dois mosquitos foram rodear o telefone... dois machos e duas fêmeas ((Rina ri e platéia gargalha))... SÃO DIFERENTES...

(08' 35'')

Rina também ilustra sua tese de que as pessoas sempre querem se sair bem, querendo dar um “jeitinho” quando erram; usando personagens bíblicos como recurso de presença:

fico imaginado QUANTas histórias.. aconteceram na época de Jesus com seus discípulos que não foram regisTRAdas... outro dia fiquei sabendo de uma não SEI se é verdade... ta... mas há livros... e mais livros... muitas coisas foram escritas... mas foi dito que... que Pedro... o apóstolo Pedro chamou Jesus um dia pra jantar na casa dele... e Pedro sabia muito que Jesus gostava de gaLINha... de FRAnGo... e fez um frango assado pra Jesus... só que Jesus demorou pra chegar e pedro ficou com tanta fome... que ele comeu... uma das

coxas do frango... sabendo que Jesus gostava de coxa... comeu uma das coxas do frango... Jesus quando chega... vê aquele frango sem... sem a coxa sem... sem uma/sem um PÉ... sem uma PAta... ele fala... Pedro... como é que é... esse... esse... esse frango aqui está... está sem pata... ele fala Jesus você não sabe o que acontece... nesta região... os frangos... os frangos começaram a nascer com uma pata só ((platéia ri))... tentou dar um jeitinho né... um... um pra quê... né... vou falar que pequei?... vou falar que eu menti?... não ele... () você não sabe... é um surto que deu aqui... uma febre da pata... do frango coxo... aí Jesus falou... ah é... então tah... então vamos lá no galinheiro que essa que quero ver... e Pedro já hum::... Jesus entra no galinheiro... começa a enxotar galinha... xô xô xô... chega as galinha sai pulando e sai caindo tudo em duas patas... e aí Pedro grita... JESUS... como sempre fazendo milagres ((platéia cai na gargalhada))... sempre... he... sempre he... quer dar um jeiTINho...

(13' 45'')

É importante esclarecer que, não só o vocabulário ou escolha lexical são constituintes da formação do discurso coloquial do Apóstolo Rina, mas também a maneira que ele os usa. Para entendermos melhor esse fato, basta partirmos para o campo da prosódia que nos orienta a entender os diferentes sentidos que a fala pode conferir dependendo da maneira que é produzida. Por exemplo, para causar uma dramatização em seu discurso, simulando uma discussão entre um casal, Rina faz uso da TESSITURA para imitar vozes. Vejamos uma sequência de trechos:

vejam isto... maridos tentando... maridos dizendo... Rina eu QUero amá-la... eu Amo a minha mulher... eu Amo a minha esposa... eu QUero amar como Jesus Cristo amou a igreja... eu estou me esforÇANdo pra isso... eu TENto de todo coração... eu Amo mesmo... mas tem hora que ELA ME IRRI:TA... tem hora que HAANN... eu tento... eu sou paciente... eu vou com carinho... eu vou com jeitinho... eu faço tudo que você me ensina... eu levo bombomzinho... eu levo florzinha... HAN... tem hora que dá vontade de amaSSAR florzinha ((com voz de estressado e mais grossa seguido de gargalhadas da platéia))... eh::... ela me iRRIta... e quando... e quando você VÊ... desrespeitou... xingou... humilhou... falou o que não queria... ofendeu... ERROU... e daí um tempinho passa aquele momento de... de de... de ferveÇÃO... de tensão.. eu ponho a mão na cabeça e falo o que que eu fiz... o que... que eu fiz...

(06' 25'')

e o marido olha... pra irmã... moderninha... com uma calça daquela assim toda baixa... está meio fora de forma marido Olha... dá um toque fala... cofrinho:: ((risos da platéia))... estou dando um toque no... NO AMOR... não é legal... como é que isso chega pra ela... ela já... ela já perguntou... COMO É QUE É?... O QUE QUE VOCÊ FALOU?... e aí o diabo já fala no ouvido dela... ele disse que você é vagaba ((com a voz sussurrada))... ele disse que você não sabe se vestir::... ele disse que você é mó maloqueira ((platéia ri))... E AÍ ELA JÁ SE IRRITA E JÁ ENTRA NA CARNE TAMBÉM...

(09' 27'')

COMO É QUE ELE FALA ISSO? ((gritando muito e imitando voz de mulher histérica))... ELE NÃO ME RESPEITA... ELE NÃO SABE ONDE

ELE ME ACHOU... ELE ME ACHOU NA IGREJA... EU NÃO ERA QUALQUER UMA... COMO É QUE ELE FALA... ASSIM... DA MINHA CALÇA DA MINHA ROUPA... aí ela resolve ofender... SANta... cresceu na igreja... nunca fez isso... nunca fez nada de errado... REta no casamento... mas aí pra ofenDER... o que ela faz... vou xingar... tsc ah vou xingar... vou xingar de um jeito que vai mexer com ele... e não é nenhum xinguinho não... ela vira e fala... SEU CORNO...

(10' 36'')

Nessa sequência em que é reproduzida uma briga de casal, Rina usa a voz aguda nas falas de mulheres e momentos de histeria, e a grave para homens e onomatopéias. Essa alternância de tessitura provoca um efeito teatral ao discurso do pastor prendendo a atenção do seu auditório.

Além de todos esses momentos, mesmo quando se é necessário abordar um tema mais sério ou o orador não está fazendo uso de uma linguagem informal, podemos encontrar uma ou outra palavra ou mesmo expressões que se diferenciam dos padrões de um discurso religioso formal. Vejamos:

e aí trouxeram um... que parecia... o número um... o... o... **top desta lista negra**... pelo taMANho da dívida que ele tinha... sua dívida... era astroNÔmica...

(20' 22'')

e a DíVIDA... do **gaROto** era de... DEZ MIL talentos... faz dez mil vezes cento e oitenta... um BI... um biLHÃO e oitoCENtos milhões de reais... ou algo equivalente a novecentos miLHÕES de DÓLares... **não brincou em serviço**... o que a bíblia deixa claro pra todos nós aqui...

(22' 45'')

e quem pára por aí...coMEça... a acreditar... que esse rei... era um rei sem () ... esse rei... era um rei muito **fácil de ser doBRAdo**..

(29' 32'')

Vale ressaltar que, quando Rina usa a palavra “garoto” no trecho mencionado, ele não o faz no sentido literal, mas sim, se refere a um personagem bíblico, já adulto, no qual ele se baseava para construir seu discurso.

Contudo, há, sim, momentos em que não encontramos sequer vestígio de informalidade, gírias ou expressões coloquiais no discurso do orador. Esses são os momentos de orações e/ou reflexões, e garantem respeito e seriedade ao discurso:

eu deVIA... DEvo... é MUIto... não vou pagar NUNca... mas eu preciso do perdão dessa dívida... preciso do perdão dos meus peCADos... preciso de uma vida nova... preciso de uma oportunidade reAL... é com você que eu estou falando agora... eu gostaria muito de poder oRAR pela tua vida... talvez você seja alguém que esteja... apenas fazendo uma visita à igreja... como Deus Usa... essas situações para falar conosco... talvez você veio para agradecer

alGUÉM... veio porque... não conseguiu falar não... mas VEIO... e agora está aqui... está ouvindo a paLAvra... como é que você vai fazer... fazer com isso... que você vai fazer com tanta informaÇÃO... há uma dívida... e há um Deus/ há um rei... há um Deus... há um rei... disposto a perdoar... quer sair daqui... LIVre?... na certeza de que não há mais CULpa... nada que dePONha contra ti nas regiões celestiais?... transforMAdo?... LEve?... se prostra diante dele... não como um adulator... mas como um A-dorador... eu quero orar por voCÊ... como eu já disse talvez você... esteja só nos visitando mas você QUER fazer essa oração... quer de alguma maneira estabelecer um VÍnculo... com Deus hoje... através de Jesus Cristo... por isso Essa... é a tua condição no lugar de onde você estiver levanta a tua mão direita bem alta... que eu quero orar por você... PRIN-cipalmente se você estiver nos visitando... é com você mesmo que deus está falando agora...

(54' 50")

No geral, é incontestável que o discurso do orador analisado se difere dos discursos comumente encontrados nas distintas religiões do Brasil, e é claro que esse fator faz com que uma grande massa jovem se interesse pelos assuntos religiosos e participe da sua comunidade. No caso da Bola de Neve, esse discurso não é usado única e exclusivamente pelo Apóstolo Rina, e sim, por todos os pastores que pregam nessa igreja, que hoje é encontrada em quase todo o Brasil e em alguns outros países ao redor do mundo.

Conclusão

Após a análise apresentada, podemos dizer que Rina, na pregação analisada, utiliza uma linguagem despojada e informal, típica de grupos sociais “praieiros”, o que o deixa mais próximo de seu auditório, que é, na sua maioria, constituído por jovens. Essa linguagem é, sem dúvida, um elemento crucial na constituição da persuasão, e pode ser utilizada como um instrumento para assegurar o interesse do público jovem pela igreja em questão.

Referências

ABREU, A.S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 4. ed. Cotia: Ateliê editorial, 2001.

BOLLELA, M. F. F. P. A prosódia como instrumento de persuasão. In: LOUZADA, M. S. O.; NASCIMENTO, E. M. F. S; OLIVEIRA, M. R. M. (Orgs.). *Processos enunciativos em diferentes linguagens*. Franca: UNIFRAN, 2006. p. 113-128. (Coleção

Mestrado, 1)

FIGUEIREDO et al. Pregação religiosa: uma caracterização à luz da teoria dos gêneros. 2009. (no prelo)

LINHARES, J. Como se forma um pregador. *Revista Veja*, ano 39, n. 27, p. 84-85, jul. 2006.

_____; PEREIRA, C. Os novos pastores. *Revista Veja*, ano 39, n. 27, p. 76-83, jul. 2006.

PEREIRA, R. S. *Só Deus para me agüentar*. Bola Music, 2007. 1 DVD (76' 35").